

ASTA: 013

COPIAS: 12

R\$: 1,80

01/08
AULA 02

AULA 2 (2014)
NOT

AULA 3 (13/08/15)

O GEÓGRAFO E A PESQUISA DE CAMPO*

Bernard Kaiser

Quando, sob a forma de palavra de ordem, Mao Tsé-tung lança esta frase: Sem pesquisa de campo ninguém tem direito a falar.¹ Sem dúvida não visa aos profissionais da pesquisa científica em ciências sociais: interpela claramente os profissionais da revolução. Quando, em outro lugar, afirma a necessidade absoluta de realizar a análise de classe, dando o exemplo em textos famosos, não é o desejo de conhecer por conhecer que o motiva, mas a necessidade de elaborar com perspicácia e precisão as estratégias e as táticas revolucionárias... Em outras palavras: não é, pois, a nós que fala!

Entretanto, como não tirar de sua interpelação a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre o estatuto político do pesquisador e da pesquisa?

Alguns, nesta revista e em outros lugares, a isto se propuseram e se propõem usando de sua própria sensibilidade: narcisismo, auto-justificação, subterfúgios, tendo sido feitas análises sérias mas parciais com traços sinceros. É preciso aderir a este rol, sem ligar para o alarme venal do não-engajamento.

Desejaria que este artigo fosse claro, politicamente definido, conduzindo a conclusões suscetíveis de guiar a ação do pesquisador. Mas será que o conseguiremos? Vivemos em uma época ambígua, intelectualmente perigosa, materialmente confortável que se presta mal aos julgamentos fechados e definitivos. Mergulhados e presos em uma sociedade capitalista que os condiciona, os universitários refletem nas contradições de suas condutas e de seus pensamentos o sistema no qual alguns se deixaram integrar e outros

* Este texto revê e aprofunda o artigo publicado pelo autor na revista HERODOTE nº IX, sob o título: *Sans Enquête, pas de droit à la parole*. Traduzido do original em francês por Antonia D. Erdens e publicado no Seleção de Textos nº 11.

¹ In Prefácio dos Inquéritos na Zona Rural, março 1941 (escrito na página 101).

BERNARD KAISER

recuperar. Jean Chesneaux mostra isso tão claramente em seu *Fazemos tábua rasa do passado?* que é desnecessário acrescentar mais alguma coisa. A margem da ação, a margem na qual a ação estaria em conformidade com o pensamento, é particularmente estreita: os professores estão fora de seus limites.

É sobre este plano anterior que convém situar a questão da pesquisa de campo. Porque o pesquisador não se destaca do homem, do cidadão, freqüentemente ele é ao mesmo tempo um professor, o que multiplica suas responsabilidades. Mas poderá ele admitir as implicações do que afirmava Mao, definindo o princípio da pesquisa de campo em ciência social? Qualquer um que deseje conhecer um fenômeno só poderá ter sucesso se entrar em contato com ele, ou seja, vivê-lo (praticá-lo) dentro do próprio meio deste fenômeno. (Da Prática, 1937)

A necessidade de adesão intelectual a este princípio é bem evidente para muitos, mas será que ela não permanecerá puramente teórica? A pesquisa acadêmica, quer dizer, a pesquisa pela pesquisa desenvolve-se, na verdade, fora desta lógica. Tal como é correntemente praticada na esfera universitária, é criticável em seu próprio princípio, em suas modalidades, em sua pretensão, em suas implicações e seus resultados, se a ela aplicarmos uma análise teórica e política sem concessões quem pode negar que ela não seja, antes de tudo, um meio de promoção acadêmica de um indivíduo ou de um grupo?

TIPOLOGIA RÁPIDA DAS PESQUISAS DE CAMPO

Muitos pesquisadores, científicos ou não, realizam pesquisas de campo: os geógrafos não têm o monopólio do "terreno". Além disso, se refletirmos um pouco sobre esta questão, logo veremos que as pesquisas de campo necessárias aos estudos cobrem um campo extremamente vasto e se diferenciam umas das outras por suas doutrinas, seus métodos, seus objetivos. Não se pode, pois, falar de pesquisa de campo em geral, nem mesmo de pesquisa de campo geográfica, se não se define do que se trata. Tentemos, pois, aí nos situarmos, estabelecendo inicialmente uma tipologia esquemática das pesquisas de campo:

1. Levantamentos estatísticos convencionais. NB: não confundir com os pseudo-levantamentos cuja existência algumas teses recentes mostraram que consistem na compilação de anuários e quadros estatísticos.

2. Outros levantamentos mecânicos: procura sistemática de informações muito precisas. Aquele que o realiza é um instrumento.
3. Levantamentos comerciais: estudos de mercado e similares; sondagens de opinião.
4. Levantamentos de justificação: tal organismo pesquisa:
 - a) Para alimentar o funcionamento de seu serviço de estudos (proliferação institucional: a conclusão da pesquisa é sempre a de que uma outra pesquisa se faz necessária).
 - b) Para coletar e relacionar as informações necessárias à justificação de decisões ou de uma política elaborada a priori.
5. Levantamentos de preparação: é a face da vergonha (frequente) do que ainda se convencionava chamar "levantamento-participação". Frequente nos trabalhos de organização do território.
6. Levantamentos setoriais ou temáticos: freqüentemente incapazes de considerar o setor explorado como intimamente ligado ao conjunto do sistema social.
7. O levantamento social, necessariamente global e globalizante, ainda que aplicado a uma fração, espacializada, ou de forma determinada, da formação social. É deste tipo de trabalho que tratamos aqui.

EXISTIRÁ REALMENTE UMA PESQUISA GEOGRÁFICA DE CAMPO ESPECÍFICA?

Para discutir aqui o levantamento geográfico seria necessário reabrir o debate ainda hoje não terminado sobre a Geografia e isto não está aqui em questão. Mas precisamos ao menos comparar, à maneira de Lacoste, a pesquisa de campo geográfica com o levantamento militar e tático que dispensam identificação de seu objetivo. É um objetivo espaciológico? Assim sendo o geógrafo só se interessaria pela delimitação do espaço, pela relação do homem com o espaço ou a propósito do espaço.

Assim procedendo, ele só poderia obter resultados incompletos, parciais, superficiais, de vez que encararia a relação com o espaço como um componente dentre outros e indissociável destes no campo

social. Na verdade, seu objetivo é mais amplo do que este, como têm feito os melhores geógrafos (os antigos, principalmente) pois trata-se de descobrir, dentro de sua complexidade e globalidade, a realidade de um sub-sistema social localizado. Neste caso trata-se de um verdadeiro levantamento de terreno. Se este levantamento deseja atingir o cerne da realidade para coletar elementos necessários à análise e à explicação, ele deverá penetrar nas forças e nas relações de produção, explorar os níveis ideológicos, político e cultural da dinâmica social. Dentro da lógica epistemológica não se pode pretender que isto seja "fazer geografia!". Mas, no entanto, é isto que deve ser feito...

A ANÁLISE DA SITUAÇÃO

A análise de situação é anti-monografia. Ora, é à monografia que leva uma pesquisa mal orientada: um estudo em compartimentos estanques, que pode ser muito completo, muito rico, muito bonito, como se diz nos meios acadêmicos, mas cujo autor não saberá responder à questão "e daí?" Não se pode responder a este "e daí?" se o trabalho não tem conclusões de ordem geral, que prendam seus resultados à análise global da sociedade. No prefácio de suas Pesquisas na zona rural (op. cit.) Mao chama à responsabilidade os dirigentes que se recusam a "ir ao fundo das coisas e mesmo ignoram completamente o que se passa na base" e os convida a se dedicarem "de acordo com um plano definido, a algumas cidades, a algumas vilas para aí realizarem levantamentos minuciosos. Quem quer que faça um trabalho prático deve realizar levantamentos com a base", escreve ele e acrescenta: "sem pesquisa de campo ninguém tem direito a falar! - esta afirmativa que foi distorcida e taxada de empirismo estreito eu jamais me arrendo de tê-la prestigiada".

Para realizar pesquisas, Mao recomenda simplesmente a aplicação do ponto de vista essencial do marxismo, quer dizer, realizar a análise das classes; "método fundamental para conhecer uma situação".

A quase totalidade dos pesquisadores universitários de hoje não se sentem, evidentemente, alvos destas recomendações, declarando-as dirigidas a dirigentes políticos e não a homens de saber. Existe, no entanto, mais de uma lição a tirar daí, particularmente no que toca à insistência em acoplar pesquisa de campo e análise de situação.

Nosso questionário social, com ótica globalista, não será a mesma coisa que uma análise de situação? Quer dizer, a análise de

PASTA: _____

COPIAS: _____

R\$: _____

situação não é o próprio objetivo que dá sentido à pesquisa? Uma situação é necessariamente complexa, condicionada por processos e mecanismos interpenetrados cujo estudo aprofundado necessita da exploração de todos os aspectos econômicos, culturais, políticos e ideológicos, tanto no presente quanto no passado.

Como, pois, orientar a pesquisa para que ela leve a uma boa análise de situação?

O QUADRO DE REFERÊNCIA DA ANÁLISE LOCAL

A pesquisa de campo é um meio e não um objetivo em si mesma. É a pesquisa indispensável à análise da situação social. Trata-se, repetimos, de situação social e não de situação espacial.

O espaço não pode ser estudado pelos geógrafos como uma categoria independente de vez que ele nada mais é que um dos elementos do sistema social.

São as relações dos homens com o espaço ou a respeito do espaço que preocupam hoje os geógrafos modernos: preocupação ou polarização científica insuficiente, de vez que não se pode compreender estas relações sem conhecer e compreender as relações dos homens entre si, quer dizer, as relações sociais.

A situação social é, antes de mais nada, o produto da história: a ótica marxista, fundamentalmente histórica, é necessariamente seguida por quem deseja ir ao fundo das coisas. Em seguida, é o produto da luta de classes, tal como ela se traduz no terreno, localmente: uma luta que não está forçosamente presa aos aspectos clássicos comumente descritos das confrontações diretas entre as camadas sociais. Porque esta luta é um processo no qual intervêm os mais diversos atores: grupos sociais, evidentemente, mas também o aparelho do Estado, instituições, mídias e ideologias.

A análise da situação deve levar tudo em conta: no fundo, é o que se chama hoje uma análise de sistema. A situação local é, na realidade, um sub-sistema, de metassistema representando a formação social. É preciso, pois, o apreender em termos sistêmicos, recusando o inventário das determinantes - o trabalho geográfico comum - e o estudo cartesiano das estruturas para ir direto ao funcionamento, aos processos.

Como, pois, orientar a pesquisa para que ela chegue a uma boa análise de situação?

FORMAÇÃO CONTRA - INFORMAÇÃO: AS HIPÓTESES DO TRABALHO

Não se trata aqui de apresentar receitas. Os fornecedores de receita não faltam na universidade e o pesquisador poderá encontrar estimulantes para sua imaginação, boas astúcias, técnicas e, mesmo, com que elaborar certos elementos de infra-estrutura de uma pesquisa de campo em artigos, livros e teses especificadas. Metodologias parciais foram completadas e experimentadas informações de base foram coletadas e tratadas. Por que, então, não se servir delas?

Mas, seguramente, é preciso não começar por aí: começar a apoiar-se exaustivamente em obras gerais, fontes estatísticas e de arquivo, referências metodológicas, estudos locais, como é recomendado fazer antes de ir para o terreno, é não apenas uma perda de tempo como também um risco de deformar antecipadamente a própria capacidade de análise. Esta deve ser elaborada, educada pacientemente, pela aquisição progressiva de uma base doutrinária (não doutrinária, nem sectária!) sólida: a formação teórica é indispensável - mas quem a dá? É preciso adquiri-la - e a educação política também. Sem base teórica e política, como analisar uma situação?

Não é, pois, um pesquisador ainda verde que deve ir ao terreno. Ao contrário, e sobretudo participando de uma equipe na qual as discussões andam bem, é uma pessoa que tem "idéias" que levanta as hipóteses. A hipótese de trabalho é uma das primeiras armas a se usar no preparo da pesquisa de campo. A repercussão dessas hipóteses sobre a realidade modelará dialeticamente a análise.

CONFLITOS E PROBLEMAS

A análise da sociedade é a análise da luta de classes, ensina o marxismo doutrinário, o que pode ser hoje traduzido de modo mais nuançado: a dinâmica social é revelada pelos conflitos. A identificação dos problemas e dos conflitos que agitam a sociedade estudada é o primeiro trabalho de quem realiza a pesquisa, é graças a ela que poderá orientar seu estudo, começar a compreender; que poderá assegurar um trabalho eficaz em vez de se lançar na acumulação fastidiosa de dados dos quais a maior parte se revelarão, sem dúvida, inúteis.

Como, pois, realizar esta identificação? Simplesmente falando com as pessoas. Assim que se chega ao “terreno”, o pesquisador não realizará uma listagem enorme de questionários, uma bateria de magnetofones, um arsenal de aparelhos de fotos e câmeras: ele não sai nem mesmo com sua caderneta de notas! Não se precipitará para o tabelião munido de uma recomendação da Administração...

Não, ele deve passear longamente, tranquilamente; que se impregne da atmosfera social; que se procure o que realmente preocupa e distinga nas conversações banais os sinais da tensão profunda. E sobretudo, que ele se ponha a compreender a história. A análise histórica é desde logo indispensável a quem realiza a pesquisa. Pesquisas bibliográficas ou de arquivo podem, pois, anteceder os primeiros passos do terreno. Mas por que não confiar também na memória individual e coletiva? Através das lembranças das pessoas e da reconstituição que elas fazem da história que aprenderam, os grandes traços determinantes da situação atual aparecem claramente.

Mais tarde, afirmando-se pouco a pouco, o trabalho necessitará recorrer às informações quantitativas e rigorosas, coletadas em função das necessidades. Deverá também se apoiar na realização e utilização de questionários sistemáticos. É então aí que o domínio de certas técnicas de pesquisa e de seguimento da pista de certas fontes dependerão do conhecimento ou da consulta de materiais acadêmicos. É também neste momento que se impõe a vigilância intelectual indispensável para evitar que os meios do trabalho não se identifiquem com seus fins.

SOB O COTIDIANO, DESCUBRA O INEXPLICÁVEL

“Sob o familiar, descubra o insólito, sob o cotidiano, descubra o inexplicável”, escreveu Bertolt Brecht em 1930, em um belo texto de sua peça “A exceção e a regra”², com objetivo expressamente didático. É uma observação que pode ser transposta para quem realiza pesquisa de campo. Para este, o familiar, o cotidiano, é o importante, o significativo. E a análise social deve ser feita a partir do que está no cerne da vida das pessoas, do que condiciona sua

² Extrato em anexo na página 68.

existência atual e seu futuro, do que o passado fez deles. Daí a importância dos níveis cultural e político.

O pesquisador deve estar prevenido para não se deixar distrair pelo anedótico, pelo estranho, pelo singular.

Uma coisa é observar para tentar compreender, registrar os fenômenos para os interpretar com o apoio da explicação geral; uma outra é ir “à pesquisa” como quem vai ao zoológico ou ao safári!

Tomando como regra moldar as preocupações de análise partindo das preocupações das pessoas (os inquiridos), tentar prender-se aos estudos de seus problemas, colocar às claras os conflitos nos quais eles estão implicados, notar a infinidade de laços e de fluxos que integram seu sub-sistema no sistema social geral, o realizador do trabalho escolhe o seu campo. É também uma decisão fundamental para a orientação da pesquisa.

OS ATORES NA CENA SOCIAL

Na cena social que se aclara pouco a pouco graças à tomada de consciência dos problemas, dos conflitos que afetam a vida cotidiana, os atores, que são também aqueles que informam, repartem-se por grupos, por camadas, por classes. A identificação dessas categorias e a realização de inquéritos que permitam caracterizá-los em suas estruturas e suas práticas é outro momento essencial da pesquisa, que poderia ser antes de tudo definido pelo binômio Conflitos-Atores.

Mas nesse momento são muito grandes as dificuldades para o pesquisador. Ao nível micro-social (como se diz micro-econômico), a determinação dos grupos, coerente com aquela adotada para a formação social toda inteira, é uma tarefa perigosa. É aí que a educação teórica e política são indispensáveis. Mas será que possuímos hoje os conceitos e a lógica que poderiam guiar a classificação? Será que os mais experimentados nos pesquisadores profissionais em Ciências Sociais podem propor às equipes de “terreno” e, sobretudo de estudantes, um esquema de análise da estratificação social local que seja utilizável em toda parte? Certamente que não. A determinação das classes ao nível do conjunto da formação social francesa é objeto de graves conflitos entre os marxistas, e o debate

se complica e se intensifica quando se procura transpor o estudo para o nível local. Além do mais, é claro que os antagonismos locais não esgotam os limites dos grupos identificados por seu lugar no modo de produção: nas sociedades camponesas incompletas, as alianças tendem a ser feitas mais com base em projetos que em afinidades. Nestas condições, é difícil a interpretação das informações levantadas. Mas, por isso mesmo, sua utilidade não será mais acentuada?

Resta, enfim, que freqüentemente é bem difícil à pessoa não se deixar entrar na subjetividade das coisas. Como no meio rural os contatos são geralmente calorosos e ricos, esta subjetividade seria mesmo indesejável? Mas é preciso ainda julgá-la de maneira conveniente. O fato da maior parte dos pesquisadores pertencerem à pequena burguesia, aliado à sua formação universitária, os predispõe quase sempre a conversações mais livres com o tabelião e os tecnocratas de que com os operários agrícolas e os imigrantes. Sob este ponto de vista, a objetividade e o cuidado na determinação de amostras realmente representativas da população estudada comandarão a validade das conclusões.

A ARTICULAÇÃO LOCAL / GLOBAL

É o problema fundamental, a dificuldade principal, estratégica de análise. Quem diz “inquerito” de terreno diz, na realidade, “inquerito local”. Trata-se de uma escolha de pesquisa. Mas esta escolha implica, para dar uma validade científica - e política - ao estudo, a capacidade de articular os resultados obtidos ao feixe de interpretação do sistema global da formação social. Os obstáculos à realização deste indispensável correlacionamento são grandes. Não nos esqueçamos, logo de início, de lembrar que o esquema global do sistema social é hoje sujeito a controvérsias, ou, ao menos, mal definido: o que não facilita a análise de projeção ao nível local. Notemos também que a cena social é sempre incompleta, que nela inexistem certos atores. E, sobretudo, que é difícil pronunciar-se claramente sobre a natureza e sobre a escala dos fenômenos observados localmente. A separação entre o que é específico, às vezes folclórico, e o que é significativo, não se coloca sempre claramente. É o caso, em particular, de tudo o que se relaciona ao exercício dos poderes (o poder das personalidades), e manifestações da cultura.

No entanto, insistimos, somente o estudo da inserção do subsistema local no meta-sistema pode dar um sentido à análise local. Logo, à pesquisa de campo.

AS JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA DE CAMPO

Haverá necessidade de demonstrar que o trabalho de campo é antes de tudo útil à classe dominante? Não é verdade que a tecnocracia se apoia, através de seus planos e de sua política cotidiana, no conhecimento do “terreno” (quer dizer, de temas) que lhe é fornecido pela pesquisa social? Ela paga diretamente uma parte desta, através dos contratos de estudo; mas ela beneficia-se de todo o conjunto, seja utilizando trabalhos universitários “desinteressados” em seu proveito, seja pretendendo-se aos conselhos de mestres e de pensadores. Ainda mais, ela utiliza os pesquisadores como veículos de sua ideologia e de seus projetos, fazendo passar, sob o manto de sua neutralidade e de sua competência afixada, as mensagens que não poderiam ser liberadas diretamente sem riscos.

Nestas condições, concebe-se que a justificação “de esquerda” do trabalho de campo social seja casualista e frágil. Mas se geralmente o trabalho de campo serve primeiramente e sobretudo à burguesia, não poderá também, sob certas condições, servir ao povo? Uma tal proposição é ambígua sob muitos pontos de vista: de um lado, ao nível da definição de povo como uma entidade, de vez que se sabe que, entre os camponeses, em particular, os conflitos os dividem; por outro lado, por causa da presunção de pretender servir a dois “mestres”. Finalmente, e sobretudo, porque a transmissão ao povo dos levantamentos, dos resultados do trabalho efetuado na análise social, encontra obstáculos práticos e políticos muito difíceis de ultrapassar.

E no entanto não é verdade que através dos contatos e das discussões que se instauram durante os levantamentos do campo o pesquisador pode ser diretamente útil a seus interlocutores, lhes informando, lhes ajudando a interpretar as pressões ou as intervenções por que passam, a recolocar seus problemas específicos dentro da problemática geral? Não é também verdade que a melhoria do conhecimento da sociedade, adquirida através dos levantamentos de campo e de sua análise, pode contribuir para a elaboração e aprimoramento da teoria política que lhe faz falta, e particular, no mundo rural?

É preciso ainda acentuar, é claro, que existe pesquisa e pesquisa. As escolhas feitas a respeito da doutrina, dos métodos e dos objetivos da pesquisa determinam diretamente a utilidade social desta e, conseqüentemente, a margem de satisfação moral e política que o pesquisador consciente pode daí tirar.

Enfim, é preciso dizer que o realizador dos levantamentos coloca-os sempre, frente ao informante dos dados, em uma posição de devedor, e é bastante agradável saber que, a este respeito, nativos tocados pela civilização começaram a reivindicar dos etnólogos: parece que no Saara, por exemplo, um verdadeiro mercado de serviços tende a estabelecer-se entre as tribos que tem assim uma remuneração regular pela prestação de informações, tomadas de fotos etc.

Em nosso país, o problema se coloca em outros termos, a menos que nossos levantamentos não estejam apenas em atraso...

É claro que foi longamente proclamado em "Hérodote" que os resultados dos levantamentos e das análises devem ser colocados à disposição daqueles que foram objeto de estudo e que o tornaram possível através das informações que prestaram.

Esta restituição à fonte é, no entanto, pouco freqüente. Mesmo para aqueles que vêem claramente a necessidade de pagar suas dívidas, a restituição nem sempre é fácil. Tomando partido "a posteriori", o pesquisador se dirige, quer queira ou não, contra os projetos e estratégias de seus informantes; as relações previsíveis destes não serão encorajadoras. Pelo contrário, a atitude daqueles que ele deseja defender não virá automaticamente recompensar os esforços do pesquisador. Porque a análise na sua primeira abordagem incomoda todo mundo, particularmente a análise feita do exterior, por uma pessoa que, afinal, não está implicada na dinâmica social.

Decididamente, a prática e o uso da pesquisa de capô são penosos. E, no entanto, sem pesquisa de campo...

ANEXO

"SEM PESQUISA DE CAMPO NINGUÉM TEM DIREITO A FALAR"

"O único método que permite conhecer uma situação é o de inquirir a sociedade, sobre a realidade viva das classes sociais. Os que assumem um trabalho de direção dedicar-se-ão, segundo um plano definido, a algumas cidades, a algumas vilas, para aí efetuarem

inquéritos minuciosos, aplicando o ponto de vista essencial do marxismo, ou seja, procedendo à análise das classes; eis o método fundamental para conhecer uma situação. Podemos adquirir os conhecimentos de base relativos aos problemas da sociedade chinesa através desse meio.

Nosso principal objetivo, publicando esses documentos de referência*, é mostrar por qual método pode-se chegar a conhecer a situação na sua base, e não pedir a nossos camaradas para tomarem dados concretos, com as conclusões que daí são tiradas. De um modo geral, como a burguesia chinesa, ainda na infância, não soube até aqui e não saberá jamais nos fornecer dados relativamente completos, ou mesmo um mínimo de informações, sobre a situação da sociedade, coisa que a burguesia na Europa, na América ou no Japão conseguiram fazer; somos forçados a recolher nós mesmos, os materiais. Em particular, aqueles que fazem um trabalho prático devem a todo instante estar a par da situação que não cessa de evoluir: sob este ponto de vista, nenhum partido comunista, em nenhum país, pode contar com os outros.

É por isso que qualquer um que faz um trabalho prático deve realizar pesquisa de campo na base.

Para aqueles que só compreendem a teoria sem nada conhecerem da situação real, a realização de tais pesquisas de campo é ainda mais necessária, sob pena de não poderem ligar a teoria à prática.

"Sem pesquisa de campo ninguém tem direito de falar" - Esta afirmativa foi distorcida e taxada de "empirismo estreito", eu jamais me arrependo de tê-la impulsionado; ao contrário, eu persisto em sustentar que, a menos que se tenha realizado pesquisa de campo, não se pode pretender ter direito à palavra.

Existem muitos que, "mal saídos de seus carrinhos de bebês", vangloriam-se, pronunciando discursos, distribuindo seus pontos de vista, criticando este, execrando aquele; de fato, em cada dez destas pessoas, dez conhecem o fracasso. Porque seus discursos, suas críticas, não se fundamentam em nenhum trabalho de campo minucioso, não passam de simples faladores.

Mao Tse-tung

Prefácio aos trabalhadores de Campo na Zona Rural, março de 1941. (Oeuvres Choïsies Ed. De Pékin, tomo III).

* Trata-se de documentos intitulados "Inquéritos" sobre diferentes cantões e distritos do país.